

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

LORENA DE MELO ALVES MOZZER

**EU-OUTRO: reflexões sobre
a dimensão relacional na psicoterapia existencial**

PATOS DE MINAS
2016

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA

LORENA DE MELO ALVES MOZZER

**EU-OUTRO: reflexões sobre
a dimensão relacional na psicoterapia existencial**

Artigo apresentado à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia, para finalidade de obtenção do título de Bacharel em Psicologia, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientador: Prof. Me. Guilherme Bessa Ferreira Pereira

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

LORENA DE MELO ALVES MOZZER

**EU-OUTRO: reflexões sobre
a dimensão relacional na psicoterapia existencial**

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em
17 de Junho de 2016.

Orientador: Prof. Me. Guilherme Bessa Ferreira Pereira
Faculdade Patos de Minas

Examinador 1: Prof.^a Ma. Aline Fernandes Alves
Faculdade Patos de Minas

Examinador 2: Prof. Ma. Delza Ferreira Mendes
Faculdade Patos de Minas

DEDICO este trabalho a todas as pessoas que dele poderão usufruir nas mais diversas dimensões de sua existência.

AGRADECIMENTO

Agradeço ao meu filho Joaquim Jacob Alves Mozzer; no seu sorriso encontrei toda força que precisei para superar as adversidades da vida bem como as encontradas nesta graduação. Ao meu esposo Jurandir Ferreira Mozzer Júnior, por cuidar com carinho do nosso filho enquanto eu me ausentava para estudar, e por me apoiar nessa trajetória.

Aos meus pais Geraldo Magela de Melo e Maria Lúcia de Fátima Alves Melo, meus irmãos: Angélica de Melo Alves, Geraldo Magela de Melo Junior e Ana Cecília Almeida de Melo, aos meus sobrinhos e afilhados Rafael Gomes de Melo Alves Silva e Ana Lúcia Rodrigues de Melo; e toda a minha família pelo apoio incondicional. Em especial a minha irmã Angélica, que nunca desacreditou do meu potencial, mesmo quando eu o fazia, eu amo você.

Ao meu orientador professor Me. Guilherme Bessa Ferreira Pereira, que teve uma paciência infinita desde o começo da nossa convivência acadêmica; nosso encontro é único no mundo. À professora Ma. Vânia Cristina Alves Cunha que teve fundamental importância na minha vida pessoal e profissional durante a graduação e que certamente levarei comigo por onde for.

Aos amigos que aqui fiz e àqueles que sempre tive e que sempre, e em todo lugar, me apoiaram. Àquelas pessoas que não estiveram sempre por perto fisicamente, mas se fizeram presentes todos os dias no meu coração.

Porém, sobre todas essas pessoas incríveis supracitadas, agradeço com devoção mais que especial, à minha avó materna Maria Rita de Jesus, que sempre atribuiu ao estudo uma significação única, a qual fez questão de repassar aos filhos e aos netos. Infelizmente a senhora se foi, mas acredito que de onde estiver sempre esteve comigo e se faz ainda mais presente na realização desse sonho.

Agradeço, sobretudo a Deus, por ter me permitido todos esses encontros e por sempre me dar a força e fé necessárias para a conquista desse sonho!

Enfim, eu agradeço a todos aqueles que um dia acreditaram em mim.

A criação revela a sua essência como forma no encontro. Ela não se derrama aos sentidos que a aguardam, mas se eleva ao encontro daqueles que a sabem buscar.

Martin Buber

EU-OUTRO: REFLEXÕES SOBRE A DIMENSÃO RELACIONAL NA PSICOTERAPIA EXISTENCIAL

I-OTHER: REFLECTIONS ABOUT THE RELACIONAL DIMENSION IN THE EXISTENTIAL PSYCHOTHERAPY

Lorena de Melo Alves Mozzer¹

Graduando do Curso de Psicologia. Faculdade Patos de Minas.

Guilherme Bessa Ferreira Pereira²

Mestre em Psicologia. Faculdade Patos de Minas.

RESUMO

Este artigo analisou a dimensão relacional, partindo dos conceitos elementares da filosofia de Martin Buber, para quem a relação é o evento primordial do ser humano. O qual atribui que a abertura ao outro e ao diálogo conferem sentido a existência, através da relação. Posteriormente, será debatida a influência deste autor nas reflexões sobre o encontro que se dá num contexto de terapia, mais especificamente através da abordagem psicoterapêutica existencial. Por fim elucidará sobre a importância de se pensar nas dimensões relacionais do trabalho terapêutico.

Palavras-chave: Relação. Alteridade. Encontro. Dialógica. Existencialismo.

ABSTRACT

This article will analyze the relational dimension, starting from the Philosophy's elementary concepts of Martin Buber, for whom the relationship is the primordial event of human being. Later, will investigate how the meeting takes place in a therapy context and through existential psychotherapy. Finally will elucidate how the openness to the other and to the dialogue give meaning to the existence through the relation, as well as the Buberian influence in psychotherapy process in existentialistic approach.

Keywords: Relationship. Otherness. Meeting. Dialogical. Existentialism.

¹ Orientando.

² Professor Orientador.

INTRODUÇÃO

Este trabalho iniciou-se com o intuito de sanar algumas questões próprias da existência de uma estudante de graduação em psicologia, sendo esta a autora desse estudo. Tais questionamentos iniciaram-se no sexto período do curso, tornando-se mais fortes e evidentes com o início dos estágios acadêmicos, mais precisamente os estágios no segmento da clínica de psicologia.

Várias indagações surgiram ao observar as relações intrapessoais e interpessoais, como elas se davam e qual seria a influência do Outro na individualidade do sujeito. Afinal, quem era esse outro com o qual o Eu estava em contato e o quanto tal encontro afeta a singularidade do sujeito.

Com o início dos atendimentos na clínica de psicologia, percebeu-se o quanto o mal estar vivido pelo consulente advinha na maioria das vezes de suas relações mal estabelecidas e mais uma vez a maneira que o Outro interfere na vida do Eu, bem como a relação que se estabelece entre Terapeuta e Consulente que reverbera na existência de ambos dentro e fora do contexto terapêutico.

Pretende-se, portanto buscar uma melhor compreensão do Eu em relação com o Outro, no cotidiano e algumas implicações das relações na atualidade, e ainda da relação que se estabelece no encontro psicoterápico dentro do *setting* terapêutico, onde Eu (terapeuta) se relaciona com o Outro (consulente), utilizando para tal o legado de Martin Buber e sua influência na prática psicoterápica existencial.

O presente trabalho está pautado numa visão existencialista do modo de ser e existir, utilizando para tal o legado de alguns filósofos que refletiram sobre o assunto, utilizando principalmente as obras de Martin Buber e sua filosofia dialógica ou do encontro.

Para elucidar as questões levantadas anteriormente, este trabalho contempla inicialmente sobre o trabalho de Martin Buber. Destacando as reflexões do autor no que se refere à dimensão relacional da existência.

Posteriormente será discutido sobre o que é o Outro que participa desta reflexão relacional. Para tanto serão apresentadas as considerações de alguns autores sobre este tema.

Por fim, será discutido sobre a dimensão do trabalho terapêutico a partir da influência e considerações postas pela visão Buberiana, entendendo-a como

fundamental na construção de uma estrutura de prática psicoterapêutica, especialmente aquelas que se auto definem como existenciais. Segundo Buber, (2001, p. 240-241), “Para se conhecer o homem não se pode partir da compreensão do aspecto individual, vendo-o apenas como definido em si mesmo. É necessário partir da instância relacional, do encontro entre o Eu e o Tu”.

METODOLOGIA

Este estudo foi realizado por meio de revisão não sistemática de literatura. Foram utilizados livros, artigos científicos, dissertações, monografias, teses, e manuais que foram conseguidos por meio de compra e empréstimo, bem como busca de base de dados da *internet* e busca em *sites* de instituições de ensino superior. No caso de buscas *on-line* as palavras chaves utilizadas para a pesquisa de materiais foram: encontro, existencialismo, relação, psicologia, filosofia, dialógica.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

MARTIN BUBER E A FILOSOFIA DO ENCONTRO

Martin Buber, judeu de origem austríaca e de inspiração sionista, nasceu em Viena aos 8 de fevereiro de 1878. Era filósofo, escritor e pedagogo; atuou como um influente pensador do início do século XX, apresentando e dando destaque para temas como o encontro e a relação em seus trabalhos, aspectos relacionais fundantes, segundo ele, da realidade de existência humana. Faleceu em Jerusalém em 13 de junho de 1965, aos 87 anos. (SOUZA, 2011).

Aos 60 anos viveu um período considerado o mais produtivo de sua vida, quando publicou estudos dos mais diversos temas como: a Bíblia, o Judaísmo, e o Hassidismo, além de estudos políticos, sociológicos e filosóficos. Foi nomeado ao prêmio Nobel da Paz em 1959. Em suas publicações deu ênfase à compreensão de que não há existência sem diálogo, que o sujeito é um ser relacional. (SOUZA, 2011).

A filosofia de Buber é reconhecida como filosofia do encontro ou dialógica

e foi fortemente influenciada por Feuerbach, Immanuel Kant, Frederick Nietzsche e principalmente por Soren Kierkegaard. (GOMES, 2010).

Buber considerava-se um homem atípico e, portanto, negava qualquer definição sistemática ou filosófica para suas propostas, ainda assim alguns autores o consideram um pensador existencialista. (CARRARA, 2002).

Entre suas obras, destacam-se Eclipse de Deus, Eu e Tu, As histórias de Rabi Nachman, A lenda de Rabi Baalschen, Daniel, Discursos sobre o Judaísmo, Encontro, A fé profética e Imagens do bem e do mal. Estas têm influenciado várias ciências humanas tais como: a Filosofia da Existência, a Sociologia, a Psicologia, a Educação e a Psiquiatria. (VON ZUBEN, 2003).

Buber elaborou em sua filosofia as palavras-princípio, que introduzem o ser humano na existência: EU-TU (relação) e EU-ISSO (relacionamento), duas atitudes básicas que o homem enfrenta diante do mundo. O Eu só existe em relação ao Tu ou ao Isso. (SOUZA, 2011).

As palavras-princípio são duas intencionalidades dinâmicas que instauram uma direção entre dois polos, entre duas consciências vividas e podem somente ser proferidas pelo Ser. (BUBER, 2001).

Segundo Buber (2001) a estrutura da vida é Dual, há dois mundos, há duas relações. Esta dualidade presente na vida se faz fundamental em sua filosofia.

Eu-Tu é a relação ontológica base para a existência dialógica e só pode ser proferida na totalidade. A relação com o TU é imediata; não existe intermédio e nem obstáculos, ela é o esteio para a vida dialógica. Tem-se então a abertura essencial do EU de um lado e, de Outro a imediata doação do ser. É extremamente importante, para Buber, ressaltar a irredutibilidade do Tu a um objeto que a atitude do sujeito determina e experimenta. Em hipótese alguma o Outro pode ser um objeto. O Tu não pode ser representado já que a apresentação é essencialmente presença. (MENDES, 2012).

Neste encontro do Eu com o Tu, que é o meu Outro, acontece uma autêntica alteração, pois o Eu age sobre o Tu e o Tu, sobre o Eu. A pessoa que profere a palavra-princípio Eu está comunicando o fenômeno da essência do ser com o Outro, pois Buber parte do princípio que o homem só pode conhecer sua essência na relação com o outro. O eu, para quem o pronuncia é o Tu para quem o percebe. Essa é a condição da existência no mundo que aponta para o encontro. (SOUZA, 2011).

A palavra-princípio Eu-Tu só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade. A união e a fusão em um ser total não pode ser realizada por mim e nem pode ser efetivada sem mim. O Eu se realiza na relação com o Tu; é tornando eu que digo Tu. Toda vida atual é encontro. (BUBER, 2001, p. 34).

Eu-Isso é o lugar da experimentação, do conhecimento e da utilização onde se instaura o vínculo objetivante. O mundo do Isso é experienciar algo que é mediado e indireto não havendo significante em si mesmo ou no entre. Não há entre (BUBER, 2001).

O Isso é a crisálida, o Tu a borboleta. Porém, não como se fossem sempre estados que se alternam nitidamente, mas, amiúde, são processos que se entrelaçam confusamente numa profunda dualidade. (BUBER, 2001, p. 20).

A alteridade se instaura somente na relação Eu-Tu, no relacionamento Eu-Isso o outro não é encontrado como Outro em sua alteridade, ou seja, o Outro não pode ser apreendido na plenitude da sua diferença. (SOUZA, 2011).

Em resposta a relação Eu-Tu, surge a responsabilidade. A resposta é dada seja na omissão, seja na ação, sendo fundamental na relação e ocorre no entre da relação. (CARRARA, 2002).

O Entre é o espaço que se abre na relação do Eu com o Tu, onde o inter-humano se relaciona. No domínio do inter-humano cada um é para o outro um parceiro num acontecimento da vida. O entre é aquilo que está genuinamente na relação. Ele não tem caráter e continuidade, mas é sempre de novo reconstruído em cada encontro. É nesse entre do relacionamento que se torna possível a aceitação e confirmação dos dois polos envolvidos no evento da alteridade. Buber refere que é no entre dos relacionamentos que o ser se manifesta e conhece o mundo. (BUBER, 2001).

(...) que cada um dos dois se torne consciente do outro de tal forma que precisamente por isso assuma para com ele um comportamento, que não o considere e não o trate como seu objeto mas como seu parceiro num acontecimento da vida, mesmo que seja apenas uma luta de boxe. (BUBER, 1982, p.138).

Para que o encontro se estabeleça Buber define uma condição básica para a sua realização que ele denomina de pré-consciência, assim sendo, o conhecimento de si próprio se faz essencial para a realização do encontro e da ética. A ética definirá os limites do Ser. (SOUZA, 2011).

Para Buber 'entre' é a expressão mais adequada para a ética. Desse encontro nasce a responsabilidade uma vez que a abertura me coloca em contato com o Outro, o diferente, 'o que não está em mim'. A responsabilidade para com o Outro é, portanto para Buber, a resposta ao apelo dialógico. Trata-se de uma responsabilização mútua uma vez que na relação ambos são ao mesmo tempo Eu-Tu, desse modo de um lado o Eu é o fundamento da relação e da ética da responsabilidade, do outro lado da conversa o Tu sendo Eu complementa este fundamento existencial. A responsabilidade transcende o nível moral, para um nível mais amplo: a ética da reciprocidade. (MENDES, 2012).

Nas atitudes humanas pautadas pelas relações éticas e responsáveis o Eu reconhece que a sua realidade essencial é a de se relacionar com o outro (Tu), reconhecendo-o em sua alteridade. Para que a ética do inter-humano, do encontro e da responsabilidade aconteça, se faz necessário conhecer o outro, relacionar-se com ele. Sendo assim a ética torna-se o eixo dos relacionamentos, onde a palavra princípio Eu-Tu é proferida de igual maneira. Este é o princípio de uma ética estabelecida na reciprocidade, onde o Eu se dirige ao Tu na forma de uma dupla ação mútua, de uma resposta autêntica que se realiza nos encontros da existência comum. (GOMES, 2010).

A verdadeira responsabilidade se encontra onde há resposta. A responsabilidade se torna o nome ético da reciprocidade. (CARRARA, 2002).

O que acontece no Entre das relações não deve ser entendido em forma de sentimentos, segundo Buber (2001). O que ocorre é a ação essencial e recíproca, imediata que une dois seres e acontece entre os dois. Os sentimentos são possuídos pelo Eu, eles acompanham as relações tal como o amor acompanha os sentimentos.

A relação se estabelece no encontro face a face, na presença do outro, na sua totalidade e unicidade de abertura ao encontro. Na presença do outro. (BUBER, 2006).

Buber propõe ao homem a realização de uma vida dialógica e não pautada no monólogo. O dialógico seria o desdobramento da esfera do entre que acontece quando duas pessoas se abrem uma a outra para um encontro genuíno e sem resistências. O elemento fundamental para que o diálogo aconteça é a reciprocidade. (GOMES, 2010).

O movimento contrário, o monológico é o 'dobrar-se-em-si-mesmo', é negar a essência do seu ser. O Outro aqui se torna apenas uma parte do meu Eu. A vida monológica é aquela que se nega a se relacionar. O homem monológico não está consciente da alteridade do outro, pois tenta incorporar o outro a si mesmo. (GOMES, 2010).

Buber aponta que o pressuposto para uma relação genuína acontecer é ver o outro como ele é tomando como conhecimento que esse é essencialmente outro. Trazendo novamente a noção de alteridade, essencial nas relações. (SOUZA, 2011).

O motivo que leva Buber a escrever esta filosofia do encontro seria o de despertar a nostalgia do humano. Ele reconhece cada indivíduo como sendo apto a se tornar uma pessoa única, singular e portadora de uma tarefa do ser que somente ela pode cumprir. (MENDES, 2012).

O homem é antropologicamente existente não no seu isolamento, mas na integridade da relação entre homem e homem: é somente a reciprocidade da ação que possibilita a compreensão adequada da natureza humana. (BUBER, 2001, p. 88).

Martin Buber assim revela que o fato existencial é um ser humano existindo ao lado de outro ser humano, cuja individualidade só pode ser entendida na relação com o outro. (BUBER, 2001).

ALTERIDADE E RECIPROCIDADE: uma visão buberiana

Os conceitos de alteridade e reciprocidade são constantes no que se refere às relações e têm sido discutidos com relativa frequência por várias ciências, dentre elas a psicologia. A temática ajuda a compreender de que forma o Eu pode se dirigir ao Outro e se relacionar com ele de forma genuína. (ZANELA, 2005).

Alteridade é diferença e, nas relações, diz-se que é a capacidade de colocar-se no lugar do Outro, ser capaz de apreender o Outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença. (COSTA, 1998).

O termo alteridade aparece como a dimensão de outro, ou mais adequadamente falando da relação com um outro. O encontro com um outro, portanto entendido enquanto alteridade, é característico de toda e qualquer atividade humana.

...o plano das relações, onde se dá o inelutável encontro dos seres, encontro no qual cada um afeta e é afetado, o que tem por efeito uma instabilização da forma que constitui cada um destes seres, produzindo transformações irreversíveis. Em outras palavras, a existência inelutável do plano da alteridade define a natureza do ser como heterogênea. (ROLNIK, 1992, p. 1).

Buber refere-se que tanto a constituição da subjetividade quanto a descoberta da alteridade, são fenômenos ligados à relação, pois para que o homem encontre a si mesmo, é preciso que ele encontre o seu companheiro, conhecendo-o em toda a sua alteridade como ele mesmo e se decida a partir em direção a ele, rompendo sua solidão e fazendo acontecer um encontro transformador. (VON ZUBEN, 2003).

Segundo Zanella (2005), Vygotsky permite ainda afirmar que, mais do que reconhecer o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá, o encontro permanente e incessante com um outro possibilita reconhecer a pluralidade do que se é e do que se pode vir a ser.

O outro que nos cerca é diferente de nós, o que torna a alteridade essencial na relação, onde esse diferente será compreendido e respeitado como tal. (CARRARA, 2002).

A reciprocidade por sua vez é descrita como a capacidade intelectual através da qual se torna compreensível a relação entre dois ou mais elementos do mundo comum, mutuamente percebidos no espaço, de aspecto e forma integrantes. Em sua ética deve-se agir em favor do outro como se nos dirigíssemos a nós mesmos. Reciprocidade significa dar e receber; representa mutualidade. (SOUZA, 2011).

Para Buber, o começo é a relação, e a relação é reciprocidade:

Relação é reciprocidade. Meu Tu atua sobre mim assim como eu atuo sobre ele. Nossos alunos nos formam, nossas obras nos edificam. O "mau" se torna revelador no momento em que a palavra-princípio sagrada o atinge. Quanto aprendemos com as crianças e com os animais! Nós vivemos no fluxo torrencial da reciprocidade universal, irremediavelmente encerrados nela. (BUBER, 2001, p. 60).

A vivência humana na totalidade implica a ação recíproca que, longe de menosprezar a singularidade do homem, por sua vez, valoriza-a. A totalidade do ser humano abarca o fato de que o homem é o ser a ser compreendido, mas ao mesmo tempo, denota o próprio ser que compreende, que conhece o sentido de sua existência. (GOMES, 2010).

O auge dos relacionamentos proporciona o desabrochar entre sujeitos, fomentando o aparecimento do cuidado que se dá como meio para o crescimento do homem como pessoa, possibilitando o apoio ao outro que se encaminha para a sua auto realização. Tal ação recíproca encerra não somente a afirmação de alteridade do outro, mas também a confirmação desse outro. É neste instante da relação, da afirmação do outro como pessoa, que a verdadeira humanidade é possível. (RAMOM, 2010).

Martin Buber sonhava com uma comunidade de alteridade e reciprocidade. Este parte do princípio que o homem só pode conhecer sua essência em e na relação com o outro. Dirigindo-se a este de em sua alteridade e fundamentado nos princípios da reciprocidade. (BUBER, 2001).

No entanto, apesar de sua enorme fé no humano, em 1923, Buber já vislumbrava uma tendência da contemporaneidade de indivíduos doentes, entendida por ele por uma degradação do sentido humano. (BUBER, 2006).

Tal crise na humanidade se estabelece segundo Buber, em consequência de se olhar o TU como ISSO: “E com toda seriedade da verdade, ouça: o homem não pode viver sem o Isso, mas aquele que vive somente com o Isso não é homem.” (BUBER, 2001, p. 35).

Segundo Ferreira, Parreira (2010), as reflexões de Buber datam do início do século passado, mas ainda hoje permanecem extremamente importantes e pertinentes, pois a era tecnológica e seus avanços, a sociedade atual com suas eternas exigências de consumo e capacitação, continuam impelindo o homem a uma perda de sentido, a uma valorização do mundo do Isso, em detrimento ao mundo das relações autênticas, ou mundo do Tu.

EU-OUTRO: O outro da relação

Considerando que o humano se constitui nas relações que estabelece com o mundo, compreender a inter-relação entre o “Outro” e “Eu” torna-se fundamental para diversas áreas do saber. Na tradição das reflexões e debates - sejam eles filosóficos, científicos, psicológicos, antropológicos, artísticos enfim... as mais diversas áreas, o tema ‘Outro’ tem sido amplamente abordado, inspirando algumas elucubrações sobre a temática que são pertinentes para este trabalho, pois

fazem parte do cenário teórico de Martin Buber inserido de maneira fundamental. (VON ZUBEN, 2003).

Jacques-Marie Émile Lacan, psicanalista francês refere que a palavra seja a mediação do eu com o outro, e que é da sua essência agarrar-se ao outro. O nível no qual o outro é vivido situa exatamente em que nível o eu existe para o sujeito. O eu é referente ao outro, ele se constitui em relação ao outro, é seu correlato. Apontando assim a importância do outro para o eu. Lacan faz referências a dois outros, sendo o Grande outro (\mathcal{A}), e o outro (a). (BRAUER, 1994).

Grande outro (\mathcal{A}) tem o propósito de diferenciar esse Outro (a), como lugar da palavra, simbólico, único movimento teórico através das quais a palavra constitui o sujeito que nos determina dos “outros” (com ‘a’ minúsculo) que são as pessoas com as quais nos relacionamos, nos identificamos e às vezes nos confundimos. Para Lacan era necessário fazer essa distinção, dentre outras razões, porque o Outro como lugar da palavra possui uma autonomia que faz com que ele não possa ser reduzido ao que os pequenos outros enunciam. Essa dependência da linguagem na determinação do sujeito é certamente uma das grandes marcas da teoria lacaniana. (BRAUER, 1994).

Sobre o Outro relata: “O outro que não é outro coisa nenhuma, já que ele é essencialmente acoplado com o eu, numa relação sempre reflexiva, intercambiável - o ego é sempre um alter-ego.” (LACAN, 1985 *apud* BRAUER, 1994, p. 4).

O sujeito é um elo do discurso do Outro, onde muitos estão encadeados: “uma família inteira, um bando inteiro, uma facção inteira, uma nação inteira ou a metade do globo”. Assim para Lacan a realidade do inconsciente origina-se a partir de um complexo de muitos sujeitos. (BRAUER, 1994).

O sujeito se vê a partir do outro em outro lugar. É por isso que ele tem um eu imaginário, construído à imagem e semelhança do outro. Na medida em que o sujeito os põe em relação com sua própria imagem, aqueles com quem fala, são também aqueles com quem se identifica. Ao falar do Outro, Lacan parece dar conta da relação do homem com tudo aquilo que determina boa parte do seu modo de ser. (BRAUER, 1994).

Outro discípulo de Freud que fez considerações importantes sobre o Outro, Carl Gustav Jung, fundador da psicologia analítica, traz a noção de eu que projeta no outro aquilo que não consegue resolver consigo mesmo, dessa forma relata: Tudo o que nos irrita nos outros pode nos levar à uma compreensão sobre

nós mesmos. (VERGUEIRO, 2008).

Ignorando assim as próprias fraquezas e projetando no outro aquilo que é percebido como falha nos outros, mascara o sentimento do eu em relação a ele mesmo. É projetado no outro por não ser aceito pelo Eu. (VERGUEIRO, 2008).

Acredita ainda que o encontro de duas personalidades se assemelha ao contato de duas substâncias químicas: se alguma ação ocorre, ambos sofrem uma transformação. (VERGUEIRO, 2008).

Afastando-se na linha de leitura psicanalítica - apesar de sustentar certa inspiração nela - Jean-Paul Charles Aymard Sartre, filósofo francês, conhecido como representante do existencialismo, acredita ser através do olhar que o eu reconhece o outro e se relaciona com ele. O olhar torna-se o ponto imprescindível para a condição humana no estabelecimento da relação Eu-Outro. (SARTRE, 1987).

Para Sartre é no encontro entre os seres que ocorre a identidade e o sentido do Ser; esta seria a relação original estabelecida pelo ato do olhar. Esse olhar implica em um reconhecimento do outro e, por meio disso, um reconhecimento de si, do eu. Tal relação está assim posta uma vez que para Sartre o ponto central da existência é o agir no mundo, um agir sempre contemplado pela liberdade e, mesmo assim, comprometido com um senso de responsabilidade para com o próprio eu e para com o mundo. Para Sartre, a liberdade e a responsabilidade pela ação só podem acontecer num contexto relacional ou à luz da existência do Outro - pois se fundamenta no reconhecimento do Outro. (GONÇALVES, 2012).

Sartre em sua célebre frase 'O inferno são os outros', traz uma perspectiva da relação onde o outro é irremediavelmente meu inferno, pois diante dele, ao mesmo tempo que sou compelido a agir, sou cerceado em minha liberdade de ação. Para o autor, o encontro de duas liberdades resultará numa tentativa mútua de imposição, ou, dito de outra maneira, num encontro há conflito de liberdades onde uma tenta submeter a outra a si. A contradição existe uma vez que a reflexão também revela que o eu é afirmado e reconhecido pela consciência do outro, diante da pluralidade desse outro, ou seja, é assim que ele efetivamente passa a existir. (GONÇALVES, 2012).

A presença do outro seria como uma extensão do eu, que estariam intimamente ligados e revelados ao olhar do outro. Essa revelação do eu ao outro provocaria um incômodo que Sartre nomeia de mal estar, pois o outro é revelado ao eu. (JACOBY, 2005).

É impossível segundo Sartre, negar a realidade do encontro, não há como fugir de conhecer a si mesmo e de conhecer o outro, mesmo que o eu negue a si mesmo e ao outro, não há como retroceder, pois um está refletido no outro. Essa é a facticidade do ser-para-outro. (GONÇALVES, 2012).

Como um artifício utilizado pelo indivíduo, este pode ter uma conduta pautada no que Sartre relata ser a 'máscara da má-fé', ou apenas 'má-fé' onde acontece uma negação do eu e do outro diante de serem revelados, pois não querem que sua intimidade seja invadida, e para isso dissimulam suas intenções de acordo com a análise que o outro faz de si. (JACOBY, 2005).

Esses meios utilizados para dissimilar as intenções do ser diante do outro, destroem a sua consciência. É, portanto, uma autodestruição da consciência. Ainda assim sob esta nova face do ser, o eu e o outro não conseguem manipular as emoções vivenciadas no primeiro encontro. (GONÇALVES, 2012).

Emmanuel Lévinas tem sua obra pautada na ética da responsabilidade em relação ao outro, sendo reconhecido enquanto um filósofo da ética da alteridade, e por isso conhecido como o Filósofo da Alteridade. Valoriza então a realidade que emerge da relação do Eu com o Outro, estando o humano imerso em uma realidade relacional. (COSTA, 2000).

Sendo a auto realização do homem uma forma original da dialética do mesmo e do outro, ela não é senão a efetivação existencial do paradoxo segundo o qual o homem se torna ele mesmo, na sua abertura constitutiva ao outro, abertura esta atravessada pelo apelo profundo a uma generosidade do dom de si mesmo, que podemos denominar como razão metafísica, na medida em que ela é, em nós, o signo de que não podemos realizar-nos a nós mesmos senão como seres abertos à infinitude do Ser. (Antropologia Filosófica. 2004, *apud* BERNARDES, 2012, p. 87)

O Outro, na alteridade, é um rosto que se apresenta diante do Eu, em uma relação face a face, e que exige do Eu um comportamento ético que o permita ser, isto é, existir de forma diferente. Todo o pensamento filosófico de Lévinas tem como base a relação com o outro e sua experiência plural. Ele propõe que o eu se abra em sua alteridade para o outro, e em especial ao que o outro me traz de diferente, de desigual exatamente como se encontra, sem indiferença ou exclusão por suas particularidades. Refere que a relação com o outro é face a face, desprovida de toda mediação. O face-a-face é o ético por excelência e como o originalmente humano. (COSTA, 2000).

Segundo Lévinas é a partir da ética que o Ser encontra seu verdadeiro sentido, que é a sua relação com outro, sendo esta pautada na responsabilidade, de modo a não reduzir o outro a si mesmo. (COSTA, 2000).

Para Buber, filósofo do encontro, já citado anteriormente neste trabalho, esse essencialmente outro é único, de modo que só o aceitando-o assim é que eu posso dirigir-me com seriedade a ele em sua alteridade. Esse outro permitiria que o indivíduo através da sua alteridade encontre a si mesmo, rompendo a solidão e fazendo acontecer um encontro transformador. É essa relação com o Tu (outro) que me permite tornar-me eu. Relacionar-se com esse outro (Tu) de forma genuína, aceitando-o em sua alteridade, e vivendo com ele uma vida de reciprocidade. (BUBER, 2001).

INFLUÊNCIA DE BUBER NA PSICOTERAPIA

Uma característica marcante na psicologia como área do conhecimento é o fato dela ter diferentes referências teórico-metodológicas que pautam a atuação do psicólogo. Abordagens nas mais diversas modalidades, incluindo terapia cognitivo-comportamental, rogeriana, gestaltista, sistêmica, grupal, comportamental, psicanálise, humanista e fenomenológica existencial, são algumas dentre várias existentes e seus possíveis desdobramentos. Não há uma única e unificada perspectiva. Tal e qual a psicoterapia fenomenológica-existencial, como uma abordagem dentro da psicologia possui inúmeras ramificações que se evidenciam através da influência de diferentes pensadores, filósofos e psicólogos. (GOMES, 2010).

Apesar da variedade de compreensões e conceituações do que seja a psicoterapia, podemos nos apoiar em alguns autores e em suas definições a respeito. A psicoterapia é entendida, Segundo Knobel (2002), como um procedimento técnico de um vínculo humano, baseado num referencial teórico da estrutura da personalidade e dos comportamentos das relações interpessoais, mediante o qual se estabelece um vínculo de ajuda para algum tipo de assistência, visando aliviar ou melhorar suas condições atuais de vida, e assim, atingir um melhor nível de desenvolvimento enquanto ser humano.

Camom (1993, p. 67) define psicoterapia como “qualquer método de tratamento dos distúrbios psíquicos ou corporais que utilize meios psicológicos e, mais precisamente, a relação entre o terapeuta e o doente”.

A psicoterapia de abordagem existencial é entendida como sendo decorrente, fundamentalmente, de uma corrente filosófica, pautada na reflexão e questionamento da existência humana. Tradicionalmente atribui-se a Soren Kierkegaard o início da reflexão sobre a existência como tema para a filosofia e saber. Desde então um dos pontos predominantes dos pensadores existencialistas é a própria existência pessoal como ponto fundamental na análise de pressupostos existências que possam determinar contrapontos da sua própria existência. Existência, na origem é sinônimo de mostrar-se, exhibir-se, movimento para fora. (CAMON, 1993).

Assim o existencialismo seria uma maneira de o homem expor a si mesmo, reconhecendo-o nesse ato, fazendo-o de forma consciente. Portanto o existencialismo seria a expressão de uma experiência singular, onde se reconhece que o indivíduo é único e irrepetível, não podendo ser comparado, nem tão pouco determinado. (CAMON, 1993).

A preocupação central deste modo, não é necessariamente o alívio do sintoma, alterar esquemas cognitivos ou provocar a mudança. Estes poderão ocorrer, provavelmente se as próprias pessoas que procuram uma psicoterapia assim o desejem, no entanto, a ênfase deste processo é a relação que se estabelece. (RAMOM, 2010).

O fundamento do psicoterapeuta seria, portanto, criar uma relação de confiança, promovendo um espaço seguro e adequado para se realizar uma investigação, uma exploração da maneira como a pessoa está no mundo. Clarificar e descrever, em primeiro lugar, o modo como a pessoa é em e na relação. (JARDIM; SOUZA; GOMES, 2009).

A relação terapêutica, sem caminhos previamente estabelecidos, constitui-se assim como espaço de construção entre sujeitos que se colocam numa posição propícia para perspectivar o horizonte de possibilidades que se abrem. Assim sendo há uma forte contribuição para a prática clínica de abordagem fenomenológica-existencial, advinda de Martin Buber. (RAMON, 2010).

Seu legado é amplamente utilizado como material teórico que pauta a prática de vários profissionais que entendem que através de seus escritos seja possível fazer e experienciar uma psicoterapia legítima, sem barreiras, e que coloque os sujeitos num processo autêntico e de mutualidade. (SOUZA, 2011).

Dentre suas principais ideias estão as palavras-princípio, Eu-Tu e Eu-Isso que demonstram as duas dimensões da filosofia do diálogo que, segundo Buber (2001), abarcam a existência.

A partir desse pensamento abre-se a possibilidade de se refletir sobre a importância do encontro tanto em um âmbito pessoal, quanto como reflexão teórica para a atuação do profissional psicólogo. Este questiona o conhecimento humano afirmando-o falho quando considerou o homem através do individualismo bem como do coletivismo, uma vez que o homem só pode ser entendido na relação com o outro (RAMON, 2010).

Cada homem tem o dever de saber... que jamais houve no mundo ninguém igual a ele, pois caso houvesse existido alguém igual a ele não haveria necessidade de que nascesse. Cada homem é um ser novo no mundo, chamado a realizar sua particularidade no mundo. (Buber, 1958, p. 139 *apud* PESQUERO, 2010).

Sua filosofia pautada na humanidade, afirma que o humano não é um objeto de análises exatas, mas sim uma construção da própria situação humana da reflexão, utilizando dessa forma também a fenomenologia de Husserl para pensar no indivíduo e suas manifestações. (GOMES, 2010).

Quanto à relação psicoterápica segundo Buber, ela deve ser uma busca permanente do modo de ser Eu-Tu que inclui a afirmação do outro como pessoa, o reconhecimento que terapeuta e cliente são o mesmo tipo de ser, além de uma postura propícia à abstenção de julgamento para que o paciente possa ser encontrado sem obstáculos, na sua singularidade.

O psicoterapeuta em seu trabalho com os clientes, 'é essencialmente um ser humano...'; conseqüentemente, explora e ama o ser humano que são os pacientes, aceitando-o conforme se apresenta, fazendo-o presente para si, sempre de novo. (JARDIM; SOUZA; GOMES, 2009).

Sem dúvida na relação terapêutica o conhecimento científico não só é necessário como também indispensável, mas sua presença no projeto terapêutico não deve impor-se em detrimento da própria experiência de dualidade de pessoas que se relacionam mutuamente no diálogo.

O encontro na terapia não acontece entre um cientista e seu objeto de investigação, mas ao contrário, acontece entre duas pessoas mediadas pela relação de ajuda. A presença do terapeuta torna-se a primeira e talvez a sua principal

intervenção ao longo de todo o processo terapêutico. (LUCZINSKI; ANCONA-LOPEZ, 2010).

Esta orientação terapêutica de abertura dialógica com o paciente se assenta nas orientações defendidas por Buber. Este parte pois do pressuposto de que: a mente jamais adoece sozinha senão que sempre está subjacente a um problema de relacionamento: de entreidade, uma situação de falta de uma relação dialógica entre ela e outro ser existente. (HYCNER, 1995).

É na prioridade do diálogo que o sentido mais profundo da existência humana é revelado. É nessa possibilidade dialógica que faz do contexto terapêutico tão valioso, pois neste paciente e terapeuta se encontram e se relacionam nas suas alteridades e reciprocidades, reverberando a mutualidade do encontro. (HYCNER, 1995).

Bons e maus, inteligentes e tolos, bonitos e feios, uns e outros serão verdadeiramente um para o outro, um tu [...] único e existente frente ao outro [...] e assim pode ele atuar, ajudar, curar, educar, enaltecer, libertar.” (BUBER, 2001, p. 106)

Buber influenciou com sua filosofia, diferentes escolas psicoterápicas e modelos médicos, como Laura e Fritz Perls e Victor Frankl, bem como J. L. Moreno, Hans Trub, entreidade Yung, e ainda reverbera sua doutrina na corrente filosófica do existencialismo e na psicoterapia dialógica. (MARCOLINO, 2008).

No entanto, é sempre importante lembrar que, apesar desta influência Buber não se considera um doutrinário, chegando a dizer que não teria nenhum ensinamento a transmitir, além de um diálogo. “Tomo aquele que me ouve pela mão e levo até a janela. Abro-a e aponto para fora. Não tenho ensinamento algum, mas conduzo um diálogo.” (BUBER, 1977, p. 4-7). Paradoxalmente, é inegável que adotando esta postura, ele nos legou muitos ensinamentos, que servem de alicerce para se pensar uma prática de atenção e cuidado, a nomeada: psicoterapia dialógica.

A POSTURA DIALÓGICA NO ENCONTRO TERAPEUTA-CLIENTE

A psicoterapia dialógica ressalta a potencialidade da relação humana na sua concretude e movimento. Seria esta uma terapia centrada no encontro do terapeuta com seu cliente com o objetivo central de cura, independentes de quais

técnicas terapêuticas estejam sendo utilizadas. É uma forma de abordagem e não pertence a nenhuma escola específica. (HYCNER, 1995).

O dialógico acontece no entre um espaço das ocorrências humanas, não se trata de um constructo lógico, mas inato ao ser humano, ao entrar em relação Eu-Tu. Segundo Friedmam (2002), a vida dialógica é uma obrigação do ser humano e somente através dela pode-se alcançar uma vida autêntica. A esfera do “entre” é o espaço, onde o encontro dialógico acontece. Este constitui um espaço de trocas e não pertence a nenhum dos participantes, uma vez que pertence a ambos e os ultrapassa. (RAMON, 2010).

O primeiro movimento que se dá nesse contexto de terapia dialógica, seria segundo Buber a inclusão. A inclusão no sentido do terapeuta abarcar, compreender a experiência do cliente tal qual este a verbaliza. (RAMON, 2010).

A inclusão postula que ao encontrar-se com o outro e sua história pode-se imaginar realmente aquilo que se escuta, possibilitando sentir o que o cliente sente, mas sem perder a própria identidade, é estar em sintonia com o outro, porém sem deixar de ser quem é. (HYCNER, 1995).

Para que isso ocorra, devem-se ser aliados a certos comportamentos a esta prática inclusiva: 1ª) o de fazer presente para o cliente “o que está pensando, sentindo e experienciando”, sem renunciar a sua função de terapeuta de não transgredir os limites normativos de uma mutualidade curativa; 2ª) o de “aceitar, afirmar e confirmar” o cliente no seu modo de ser singular atual e projetado; no entanto, a confirmação não se trata de simplesmente concordar com a experiência que é relatada pelo outro; vai infinitamente além, visto que, pode-se confirmar uma pessoa, mesmo não estando de acordo com suas atitudes; 3ª) o de dar ênfase ao ato de ‘confirmar’, pois: a base da vida interpessoal é o desejo que cada pessoa tem de ser confirmada (aceita, apoiada) tal como ela é e tal como possa vir-a-ser. (HYCNER, 1995).

Seriam ainda necessários para o processo de cura a ‘atualização e liberação’ das forças internas bloqueadas do psiquismo do consulente, e, dessa forma, sentir-se livre para alcançar a plena realização de sua singularidade e autenticidade. O único caminho para desimpedir este potencial é o do exercício da vida dialógica, que a terapia restaura. (PESQUERO, 2010). Ou seja, o problema da cura existencial não residiria em restaurar a integridade perdida do indivíduo (seu

sintoma), senão em ativar as potencialidades psíquicas para realização da sua singularidade ou de tornar-se pessoa (seu enigma).

A eficiência desse modelo psicoterápico se assenta nestas premissas inseparáveis: a da etiologia relacional das afecções propriamente psíquicas; a da força indestrutível da mente humana para restabelecer, superando os obstáculos, a sua vida dialógica, como condição para sua saúde e realização da sua singularidade. (HYCNER, 1995).

Segundo Carl Rogers, em seu clássico diálogo com Martin Buber, datado de 1957, nos momentos de encontro genuíno desaparecem as diferenças de posição e intenção entre terapeuta e cliente e este encontro torna-se então fecundo em reciprocidade e passível de crescimento e transformação para ambos. Rogers reconhece a convergência de pensamentos com Buber, que norteiam ambos modelos psicoterápicos e aspectos técnicos que orientam a prática terapêutica, principalmente na postura dialógica do terapeuta, que possibilitam liberar forças psíquicas estagnadas no consulente, permitindo a realização da própria singularidade. Para ambos é importante o processo de tornar-se pessoa, ou seja a realização da própria singularidade, e ainda os de preservar os limites de uma mutualidade curativa, que implica certo distanciamento e ausência de envolvimento emocional. (PESQUERO, 2010).

Segundo Jardim, Souza e Gomes (2009), a postura dialógica, significa mais especificamente, o vínculo terapêutico, também descrito como aliança terapêutica, o fator que influencia diretamente no curso do tratamento, na adesão ao processo e na avaliação de resultados.

Tal postura dialógica permite colocar-se na relação como pessoa real, todavia sustentada por um aparato teórico. Isto é, torna-se possível ao psicólogo uma atitude de 'amor terapêutico', sem, contudo, confundir-se, pois é uma relação especificamente profissional. Outro aspecto importante a ser observado é a possibilidade que a atitude dialógica abre também para o crescimento do terapeuta, visto que este, ao aceitar olhar para o outro despojado de seus preconceitos, dispõe-se a ser tocado por cada cliente e apreender uma riqueza que se encontra na história de vida de cada ser, que é único e dotado de possibilidades. (FERREIRA, PARREIRA, 2011).

Esta perspectiva humana da psicoterapia dialógica amplia as possibilidades de um atendimento para além da técnica e do psicologismo,

ampliando assim os horizontes de atuação do profissional psicólogo. (LUCZINSKI; ANCONA-LOPEZ, 2010)

CONCLUSÃO

Partindo da problemática do encontro, contemplada especialmente nas elucubrações de Buber, pode-se refletir brevemente sobre temas fundamentais para a prática terapêutica e que tocaram particularmente esta estudante de psicologia durante o início de seu processo - contínuo - de formação. Problematizar o lugar do outro na relação fez que emergissem a fundamental importância desse outro para a formação identitária desse Eu, que se evidenciou conforme a convergência de vários estudiosos citados neste trabalho.

O legado de Martin Buber torna-se, portanto, um referencial atual e prático, sobre as relações; relações essas entre um Eu e um Outro, que são imprescindíveis para o Eu. A utilização prática de sua teoria abrange o âmbito pessoal, bem como o profissional e torna a prática psicoterápica um local de encontro genuíno em sua alteridade.

O contexto atual bem como o contexto psicoterápico depara-se com esse indivíduo, em extremo sofrimento, que encontra dificuldades para se relacionar com o outro, que não consegue estabelecer um encontro ou diálogo entre sujeitos, tão essenciais para a existência de ambos. Tal fato tem favorecido um adoecimento em larga escala do indivíduo que cada vez mais busca na psicoterapia soluções para seu sofrimento, estabelecendo assim um processo psicoterápico de mutualidade, legítimo e autêntico, reverberando o encontro na clínica para a vida dos indivíduos, tal que ele se reproduza em outros contextos.

Sendo assim, o processo psicoterapêutico, pautado nos legados de Martin Buber, com o estabelecimento de uma postura dialógica, além da utilização de outras técnicas aliadas a psicoterapia existencial, já se inicia como um processo de cura, apenas pelo fato de terapeuta e paciente ocuparem posições horizontais de diálogo, estando livres de qualquer processo que ao invés de aproximar paciente-terapeuta os afaste. Através desse encontro singular, para ambos, o processo é experienciado, onde o principal fator para a efetividade é a qualidade da relação

entre terapeuta e consulente. Existir vai além de ser quem se é; se faz necessário ser com o outro. A essência do indivíduo se revela no encontro com o outro.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

BRAUER, Jussara Falek. **O outro em Lacan: consequências clínicas**. Psicologia USP. São Paulo: p.309-333, jan. 1994. Semanal. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicosp/v5n1-2/a20v5n12.pdf>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

BUBER, M. **Eu e Tu**. Tradução, introdução e notas por: Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Centauro. 2001.

CAMOM, Valdemar Augusto Angerami. **Psicoterapia existencial**. São Paulo: Pioneira, 104 p., 1993.

CARRARA, Ozanan Vicente. **A Relação em Martin Buber**. Mimeses, Bauru, v. 23, n. 1, p.81-98, jun. 2002. Disponível em: <http://www.usc.br/biblioteca/mimesis/mimesis_v23_n1_2002_art_06.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2015.

CHAGAS, E. L. F. (2002). O gestalt-terapeuta caminhando no diálogo. *In*: Revista do VIII Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica. **Relação Dialógica: a cura pelo encontro**. p. 28.

COSTA, Márcio Luis. **Lévinas: uma introdução**. Petrópolis: Vozes, 2000. 233 p.

FERREIRA, Viviane Guimarães da Silva; PARREIRA, Gizele Geralda. **A relação dialógica e o processo de cura em psicoterapia**. Itgt, Goiânia, v. 07, n. 01, p.1-28, nov. 2011. Mensal. Disponível em: <http://itgt.com.br/wp-content/uploads/2013/06/TCC_Viviane-Guimarães-da-Silva-Ferreira.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2016.

GOMES, Pedro Braga. **A filosofia do relacionamento**. Fals, Lavras, v. 6, n. 3, p.1-10, jan. 2010. Disponível em: <http://www.fals.com.br/revela18/REVELA XVII/artigo 4_VI.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2016.

GOMES, W. B.. **A experiência retrospectiva de estar em psicoterapia: um seguimento**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. 6:87-105.1990.

GONÇALVES, Aline Ibaldo. **O problema do outro em Sartre**. 2012. 74 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/jm?dd1=7297&dd99=view>>. Acesso em: 20 mar. 2016.

HYCNER, R. **De pessoa a pessoa: uma psicoterapia dialógica**. São Paulo: Summus, 1995.

JACOBY, Márcia; CARLOS, Sergio Antonio. **O eu e o outro em Jean Paul Sartre:** pressupostos de uma antropologia filosófica na construção do ser social. *Latin American Journal Of Fundamental Psychopathology*, São Paulo, v. 1, n. 5, p.47-60, nov. 2005. Anual. Disponível em: <http://www.fundamentalpsychopathology.org/uploads/files/latin_american/v2_n2/o_eu_e_o_outro_em_jean_paul_sartre.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2015.

JARDIM, Adriano; SOUZA, Mariane; GOMES, William. **O self dialógico e a psicoterapia:** uma compreensão dialógica da relação terapeuta-paciente. *Contextos Clínicos*, [s.l.], v. 2, n. 1, p.1-10, 14 jul. 2009. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2009.21.01>. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822009000100001>. Acesso em: 02 abr. 2016.

LUCZINSKI, Giovana Fagundes; ANCONA-LOPEZ, Marília. **A psicologia fenomenológica e a filosofia de Buber:** o encontro na clínica. *Estudos de Psicologia (campinas)*, [s.l.], v. 27, n. 1, p.75-82, mar. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-166x2010000100009>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2010000100009>. Acesso em: 02 abr. 2016.

MARCOLINO, J. A. M.; IACOPONI, E. 2001. **Escala de aliança psicoterapêutica da Califórnia na versão do paciente.** *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 23:88-95.

MENDES, Zuleide Pereira. **Martin Buber e a relação eu/tu:** Inversão e recíproca de inversão nas relações. 2012. 49 f. Monografia (Especialização) - Curso de Filosofia, Curso Básico de Formação em Filosofia Clínica, Instituto Packer, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://institutointersecao.com.br/artigos/Zuleide/MONOGRAFIA_BUBER-Zuleide.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2015.

RAMOM, Saturnino Pesqueiro. **A psicoterapia dialógica de Martin Buber.** *Psico. Goiânia*, v. 41, n. 4, p.534-541, dez. 2010. Trimestral.

ROLNIK, S. **Diálogo e alteridade.** *Boletim de Novidades*. 5(44), 35-44, 1992.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo.** São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SOUZA, Vitor Chaves de. **A Religião do encontro:** a ética de Martin Buber. *Revista Theos. Campinas*, v. 6, n. 02, p.1-17, dez. 2011. Mensal. Disponível em: <http://www.revistatheos.com.br/Artigos/05_Vitor.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2016.

VERGUEIRO, Paola Vieitas. **JUNG entrelinhas:** reflexões sobre os fundamentos da teoria Yunguiana. *Psicologia: teoria e prática*. São Paulo, v. 1, n. 10, p.125-143, jan. 2008. Anual. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872008000100010>. Acesso em: 15 mar. 2016.

VON ZUBEN, Newton Aquiles. **Martin Buber:** Cumplicidade e Diálogo. EDUSC, Bauru, v. 2, n. 1, p.1-7, out. 2003. Semanal.

ZANELLA, Andréa Vieira. **Sujeito e alteridade:** reflexões a partir da psicologia histórico-cultural. *Psicologia & Sociedade*. Santa Catarina, v. 2, n. 17, p.99-104, ago. 2005. Trimestral. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n2/27049.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA

Autor Orientando:

Lorena de Melo Alves Mozzer.

Rua Maranhão, 266 - Cônego Getúlio. Patos de Minas – MG.

(34) 9.9975-9070

lorenamoizzer@gmail.com

Autor Orientador:

Guilherme Bessa Ferreira Pereira.

Av. Juscelino Kubitscheck de Oliveira, 11602 - Cidade Nova. Patos de Minas – MG.

(34) 3818-2300

gbessafr@gmail.com

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

Patos de Minas, 30 de maio de 2016.

Lorena de Melo Alves Mozzer

Guilherme Bessa Ferreira Pereira



FACULDADE PATOS DE MINAS

Mantenedora – Associação Educacional de Patos de Minas

Portaria de Recredenciamento MEC – DOU N°. 1469 de 10 de Outubro de 2011.

Curso de Graduação em Psicologia

Bacharelado (Formação de Psicólogo)

Portaria de Reconhecimento MEC – DOU N°. 371 de 30 de Agosto de 2011.

“Como Psicólogo, eu me comprometo a colocar minha profissão a serviço da sociedade brasileira, pautando meu trabalho nos princípios da qualidade técnica e do rigor ético. Por meio do meu exercício profissional, contribuirei para o desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão na direção das demandas da sociedade, promovendo saúde e qualidade de vida de cada sujeito e de todos os cidadãos e instituições.”

(Juramento do Psicólogo – Conselho Federal de Psicologia)